



ESCOLA DE
HUMANIDADES

LETRÔNICA

Revista Digital do Programa de Pós-Graduação em Letras da PUCRS

Letrônica, Porto Alegre, v. 13, n. 3, p. 1-8, jul.-set. 2020

e-ISSN: 1984-4301

<http://dx.doi.org/10.15448/1984-4301.2020.3.37265>

História, historiografia e historicidade: a morte de Lima Barreto

History, historiography and historicity: the death of Lima Barreto

Historia, historiografía e historicidad: la muerte de Lima Barreto

Eneida Leal Cunha¹

orcid.org/0000-0001-5697-6799

eneida.l.cunha@gmail.com

Recebido em: 3 mar. 2020.

Aprovado em: 24 mar. 2020.

Publicado em: 30 out. 2020.

Resumo: A partir do espetáculo teatral *Traga-me a cabeça de Lima Barreto!* (2017), um monólogo construído com fragmentos de memórias e textos ficcionais ou jornalísticos do escritor, o artigo explora os efeitos da encenação para iluminar a zona de sombra que se abateu sobre as décadas iniciais do século XX no Brasil, tanto na história nacional quanto na historiografia literária. São postos em evidência os elos entre racismo, eugenia e biopolítica nas políticas públicas da modernização social e cultural estado brasileiro. Pretende-se, ao final, expor o racismo brasileiro como postulado estruturante da nossa sociedade moderna e a suas repercussões ou os efeitos do racismo na obra e, principalmente, na vida de Lima Barreto.

Palavras-chave: Lima Barreto. Eugenia. Racismo no Brasil. Modernização brasileira.

Abstract: Starting from *Traga-me a cabeça de Lima Barreto!* [Bring Me Lima Barreto's Head!] (2017), a monologue made up of fragments of the author's memoirs, fiction and journalism, this article explores the effects of the play in illuminating the first decades of the 20th century in Brazil, which have fallen into obscurity both in national history and in literary historiography. We show the links between racialism, eugenics and bio politics in public policy oriented to the social and cultural modernization of the Brazilian state. The aim is to expose Brazilian racism as a structuring premise of modern Brazilian society and the effects of racism on the work and especially the life of Lima Barreto.

Keywords: Lima Barreto. Eugenics. Racism in Brazil. Brazilian modernization.

Resumen: Basado en el espectáculo teatral *Traga-me a cabeça de Lima Barreto!* [Tráeme la cabeza de Lima Barreto!] (2017), un monólogo construído com fragmentos de memorias y textos ficticios o periodísticos del escritor, el artículo explora los efectos de la puesta en escena para iluminar la zona de sombra que cayó sobre el las primeras décadas del siglo XX en Brasil, tanto en la historia nacional como en la historiografía literaria. Los vinculos entre el racismo, la eugenesia y la biopolítica se destacan en las políticas públicas de modernización social y cultural del estado brasileño. Al final, se pretende exponer el racismo brasileño como un postulado estructurante de nuestra sociedad moderna y sus repercusiones o los efectos del racismo en el trabajo y, principalmente, en la vida de Lima Barreto.

Palabras clave: Lima Barreto. Eugenesia. Racismo en Brasil. Modernización brasileña.



Artigo está licenciado sob forma de uma licença
[Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

¹ Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

"Este senhor era de fato um homem inteligente, mesmo de talento; mas lhe faltava o senso do tempo e o sentimento do seu país. Era um historiográfico; mas não era um historiador. As suas idéias sobre história eram as mais estreitas possíveis: datas, fatos, estes mesmos políticos. A história social, ele não a sentia e não a estudava. (...) Para ele (os seus atos deram a entender isto) um país só existe para ter importância diplomática nos meios internacionais. Não se voltava para o interior do país, não lhe via a população com as suas necessidades e desejos (...). Sabendo bem a história política da Bruzundanga, julgava conhecer bem a nação. Sabendo bem a geografia da Bruzundanga, imaginava ter o país no coração. Entretanto, forçoso é dizer que Pancome desconhecia as ânsias, as dificuldades, as qualidades e defeitos de seu povo".

(Lima Barreto, *Os Bruzundangas*)

"O que define uma ciência não é o objeto que ela considera, é o ponto de vista em que ela o considera. Se se propõe definir uma ciência pelo seu objeto, é preciso dizer-se que esse objeto não é tal qual existe nas cousas, mas tal qual ele é para a ciência. A ciência vem a ser, portanto, um ponto de vista sobre as cousas".

(Lima Barreto, *Diário íntimo*)

"Os senhores que se têm entregue a esses estudos de antropologia, etnografia ou que outros nomes tenham, se esquecem muito de que um grande naturalista, creio que Lineu, disse: 'a natureza não tem raças nem espécies; ela só tem indivíduos'. (...) Coisas mezinhas como estas precisam ser repetidas para que esses senhores grosseiros de espírito, que se fizeram autoridades em coisas de raças com as quais não lidaram, e que, dos respectivos indivíduos, em geral, só conhecem partes mortas (o crânio sobretudo); precisam ser repetidas, dizia, para que eles (...) não transformem as suas pesquisas e generalizações em artigos de fé, em Corão obsoleto, a propugnar guerras santas e massacres".

(Lima Barreto, "Considerações oportunas" – A.B.C, 18/08/1919)

Em abril de 2017 estreou no Rio de Janeiro monólogo *Traga-me a cabeça de Lima Barreto!*, dramaturgia de Luiz Marfuz com direção de

Fernanda Júlia, interpretado pelo ator e militante negro Hilton Cobra.²

Ao longo de 60 minutos explode no palco a palavra encarnada de Lima Barreto. Não faz diferença para o impacto da recepção o grau de familiaridade do espectador com escritos seus, com o *Diário Íntimo* e o *Cemitério dos vivos*, mais extensivamente encenados, ou os fragmentos dos romances e crônicas que também compõem o monólogo, pois o que o espetáculo oferece ao público é a proximidade impossível – mas ali efetiva – do corpo, da voz, da lágrima e do grito de Lima Barreto.

O nexos dramático que sustenta o espetáculo é inteiramente fictício: após a morte do escritor (ocorrida em 1922), eugenistas brasileiros reunidos em um grande congresso, exigem a exumação do seu cadáver para uma autópsia, no intuito de investigar "como um cérebro inferior poderia ter produzido tantas obras literárias – romances, crônicas, contos, ensaios e outros alfarrábios – se o privilégio da arte nobre e da boa escrita é das raças superiores?" (grifo nosso).³

Neste enunciado, razão da investigação e mote do espetáculo que se repete como um refrão, encontram-se, por um lado, a assertiva científica tida como verdadeira, a inferioridade da raça negra; por outro, a perplexidade dos eugenistas ante uma evidência que a corrói: a valiosa obra do escritor negro-mestiço Lima Barreto.

A invenção dramática – a existência de um intelectual e escritor negro como desafio aos postulados da eugenia brasileira e a deliberação dos cientistas reunidos para escrutinar-lhe o crânio – não é um recurso ao absurdo, pelo contrário, é a dimensão mais efetiva, histórica e documental que o espetáculo oportunamente traz ao público, ou melhor, põe sob a luz intensa e insistente dos refletores como uma passagem histórica que deve ser lembrada, embora tenha sido apagada em parte significativa da historiografia social, cultural e literária do Brasil.

² O espetáculo resultou de projeto contemplado pelo edital Prêmio Funarte de Teatro Myriam Muniz, 2015 e é uma realização da Companhia dos Comuns, liderada por Hilton Cobra. Estreou no SESC Copacabana-Rio em 14 de abril de 2017 e integrou a programação da FLIP no mesmo ano, que homenageou o escritor Lima Barreto; foi já apresentado em diversas cidades brasileiras e tem retornado sucessivamente a diferentes palcos do Rio de Janeiro ao longo de 2018.

³ MARFUZ, Luiz. *Traga-me a cabeça de Lima Barreto!*; Peça em um ato inspirada na obra de Lima Barreto, em especial "Cemitério dos vivos" e "Diário íntimo". Salvador, 2017. Texto registrado na Biblioteca Nacional e na SBAT – Sociedade Brasileira de Autores Teatrais. Todas as transcrições do texto dramático foram feitas a partir do original que me foi fornecido pelo autor em arquivo digitalizado.

Diante da ameaça da exumação do seu cadáver pela elite do racismo eugênico brasileiro, manifesta-se o escritor morto – esta é a razão de ser espetáculo e do monólogo. Ou seja, apresentam-se em cena, construída por uma laboriosa colagem, as muitas modulações da insurreição e do aniquilamento de Lima Barreto, expostas com veemência em um palco vazio.

O corpo do ator, único personagem em cena, movimenta-se às vezes com vivacidade e vigor, outras alquebrado e exausto, e evoca a solidão do escritor em suas passagens pelo “cemitério dos vivos”,⁴ que ocorreram entre 1914 e 1920. Mas fortemente, entretanto, evoca metonimicamente o desafio do existir em um mundo onde não se tem lugar.

No espetáculo, o embate de Lima Barreto com injustiças, incompreensões, perseguições, preconceitos e racismo é exposto em paralelo às classificações e às programáticas sanitárias, morais e políticas da eugenia. Constitui-se assim o diálogo de Lima Barreto com seus contemporâneos, existencialmente próximos ou ficcionalmente aproximados, contextualizando-se a sua lucidez, a sua dor, o seu ressentimento, o seu delírio, o seu obsedante impulso para se afirmar como intelectual e como escritor e enfrentar o estigma da negritude, sobre determinado pelo alcoolismo e pela insubmissão – a tríade de misérias eleita pelos saberes vigentes como fatalidade hereditária e documento vivo da degenerescência racial.

LIMA BARRETO: E esse sofrimento a que me imponho, e a mim me é impingido, encrespou-se-me na alma como erva daninha. E passei a amar o meu sofrimento como um homem ama a uma mulher. Custou-me tanto consegui-lo. Por que tirar de mim aquilo que já é meu? É difícil dizer isso. Envergonha-me. Pesa em mim a desonra de meu nascimento, o desejo de desaparecer no eterno. Desde menino, eu tenho a mania de suicídio. Aos sete anos, logo depois da morte de minha mãe, fui acusado injustamente de furto. Tive vontade de me matar. É dessa época que senti a injustiça da vida, a dor que ela envolve, a incompreensão de minha delicadeza, do meu natural doce e terno. Eu nunca tive sequer a simpatia com que se olham as árvores...⁵

É importante ressaltar que, no espetáculo, os participantes do congresso e a programática da eugenia de fato não são encenados, não são encarnados em personagens, em corpo e voz de ator em qualquer momento do espetáculo. Essa presença contínua e aniquiladora é cenicamente constituída por vozes em *off* e pela projeção ininterrupta, em uma grande tela por trás da cena, de enunciados, prescrições, retratos de personalidades e assinaturas que atestam a disseminação e a aceitação ampla, entre cientistas, governantes, intelectuais, escritores, do nexos entre racismo, eugenia e modernização da ação do Estado e da sociedade brasileira.

A eugenia é trazida a cena, portanto, literal e metaforicamente, como um pano de fundo, um cenário ou uma paisagem sócio-histórica que é preciso, ao mesmo tempo, fazer-nos lembrar e relacionar à perseguição, ao sofrimento e à morte de Lima Barreto.

É contra esse insistente “pano de fundo” do racismo e do racismo, que se destaca e o público vê se movimentar o corpo alquebrado e ouve a voz e o desespero do escritor.

Além da projeção ao fundo das teses, fotografias de personalidades, cérebros e crânios humanos, das vozes em *off* como uma fantasmagoria assídua e dos raros objetos cênicos, o palco vazio e sombrio, a iluminação forte no corpo do personagem e o seu embate argumentativo com os eugenistas – que pedem a exumação do seu cadáver – evocam duas iluminadoras referências textuais para o espetáculo: o rememorar póstumo de Brás Cubas, dedicado aos vermes, e a visita espectral do rei, a cobrar a Hamlet a vingança e a ordem do mundo. Esses espectros – Machado de Assis e Shakespeare – são assíduos nos registros de Lima Barreto e foram trazidos à cena em vários momentos do monólogo, quando vem à tona o misto de grandeza afirmativa e ressentimento que parece onipresente nos fragmentos dos escritos capturados pelo dramaturgo.

O espetáculo *Traga-me a cabeça de Lima Barreto!*, uma construção ficcional recente, nos permite deli-

⁴ Hospício Nacional do Rio de Janeiro (D. Pedro II), a primeira vez entre 18 de agosto e 13 de outubro de 1914, e na segunda internação de 25 de dezembro 1919 a 2 de fevereiro de 1920.

⁵ Idem.

near, ainda que brevemente, a difusão do movimento eugênico e as suas proposições pragmáticas que atravessaram o corpo e o calvário de Lima Barreto.

Principalmente, além de expor ao público atividade da eugenia, o espetáculo instiga o espectador a cogitar também, ainda que hipoteticamente, sobre *como e por que se fez (e se faz)* acintoso e silêncio em torno da sua força instituinte nas primeiras quatro décadas do século XX.

A propósito do silenciamento da eugenia, escreveu Nancy Stepan em seu competente mapeamento histórico:

A exclusão da eugenia distorce a história moderna da América Latina: diante da conexão histórica entre a eugenia e os excessos nazistas e, talvez, devido à poderosa ficção segundo a qual a América Latina teria ficado relativamente isenta do racismo característico de outras partes do mundo, há uma freqüente tendência a negar que a eugenia tenha desempenhado qualquer papel na história moderna dessa região.

No entanto, mesmo um exame superficial das fontes disponíveis revela que os movimentos eugênicos estiveram presentes na maior parte da América Latina e conformaram de maneira inesperada o pensamento científico e social e as políticas (STEPAN, 2004, p. 333).

Entre 1900 e 1945, as Sociedades de Eugenia sul americanas promoveram congressos e conferências, a exemplo de Cuba em 1927, do Rio de Janeiro em 1929, provável referência para a dramaturgia, e Argentina em 1934, todos inspirados pelas proposições do britânico Francis Galton no final do século XIX, sobre a urgência de um conhecimento científico que abordasse e promovesse o incremento "das influências que melhoram as qualidades inatas de uma raça, bem como das qualidades que se pode desenvolver até alcançar a máxima superioridade" (KERN, 2017).

Para Renato Ferraz Kehl, fundador da Sociedade Eugênica de São Paulo, em 1918, e o seu grande ativista no Brasil, uma concisa definição da eugenia – a ciência do aperfeiçoamento moral e físico da espécie humana – contrasta com a

amplitude de seus designios, cuja meta seria selecionar e promover a primazia da "gente sã", isto é, dos indivíduos considerados moral e somaticamente superiores.

Os postulados da eugenia estavam radicados no neo-lamarckismo, ou seja, nas teorias que tinham em comum a aceitação de que variações, modificações ou características adquiridas durante a vida do indivíduo, mediante o uso, desuso ou outros estímulos funcionais, seriam transmitidas a seus descendentes (MARTINS, 2004). Além da transmissão hereditária de traços adquiridos, uma outra vertente na perspectiva eugênica privilegiava a herança genética, as hierarquias e classificações raciais e, especialmente, a tese da miscigenação racial como fator de incontornável degenerescência.

A inviabilidade racial da população brasileira já havia sido formulada e consensualmente aceita, em termos qualitativos e quantitativos, pelo diplomata e filósofo francês Joseph Arthur Gobineau (1816-1882), que esteve no país em missão diplomática e publicou, em 1874, o artigo intitulado "L'émigration au Brésil", onde postulava a urgência da vinda de imigrantes desejáveis, arianos capazes de sanear a mestiçagem e assegurar a sobrevivência da população, segundo ele destinada à extinção em cerca de dois séculos.⁶

Poucos anos depois, em 1888, Silvio Romero, nos capítulos iniciais da sua *História da Literatura* dedicados a caracterizar a população brasileira, já produziu a adaptação conceitual necessária, para postular a mestiçagem como fato incontornável e propor seu deslocamento, do plano da degenerescência e inviabilidade civilizacional para o plano da solução saneadora. Diante da evidência da mestiçagem dominante, Romero ressalta a promissora superioridade, qualitativa e quantitativa dos "brancos arianos" que salvarão a demografia combalida.

A estatística mostra que o povo brasileiro compõe-se atualmente de brancos arianos, índios tupis-guaranis, negros quase todos do

⁶ Não foi formulação isolada, tratava-se de um desdobramento do *Essai sur l'inégalité des races humaines* (1855), tese de Gobineau sobre o arianismo, que ecoava os prognósticos racialistas da época e as descobertas do biólogo austríaco Gregor Johann Mendel (1822-1884), sobre as leis que regem a transmissão dos caracteres genéticos. As Leis de Mendel e o ensaio de Gobineau foram retomados e hipertrofiados pelo racismo que atravessou todo o século XX, desde a primeira década, com a eugenia galtoniana, ao antissemitismo e o nazismo na Alemanha, à segregação racial nos Estados Unidos e ao *apartheid* sul-africano – todos em formulação clara e legalmente sancionada; no Brasil, estão presentes através das insidiosas e resistentes formas do racismo e discriminação racial.

grupo banto e mestiços dessas três raças, orçando os últimos certamente mais da metade da população. O seu número tende a aumentar, ao passo que os índios e negros tende a diminuir. Desaparecerão talvez em futuro não muito remoto, consumidos na luta que lhe movem os outros ou desfigurados pelo cruzamento. [...] O mestiço, que é a genuína formação histórica brasileira, ficará só diante do branco quase puro, com o qual há de, mais cedo ou mais tarde, se confundir (ROMERO, 1902, p. 54).

Sabe-se que na mestiçagem a seleção natural, ao cabo de algumas gerações, faz prevalecer o tipo de raça mais numerosa e entre nós das raças puras a mais numerosa, pela imigração europeia, tem sido e ainda tende mais a sê-lo, a branca (ROMERO, 1902, p. 75).

No campo dos estudos da literatura, temos noção clara do positivismo e do determinismo frequentemente referidos como vertentes do pensamento ocidental pela história das ciências, do pensamento social ou mesmo na história das artes na segunda metade de século XIX; mas temos muito pouca informação, em diversas vertentes da historiografia, acerca da potência e da repercussão da eugenia na efetiva configuração moderna do estado e da sociedade no Brasil. Podemos melhor compreendê-las, entretanto, a partir de um conjunto de aulas⁷ de Michel Foucault, que fazem o delineamento dos pilares do poder nas então recentes repúblicas nacionais: a biopolítica, o racismo e a sua produtiva interdependência. Foucault descreve a gerência da vida pelo estado moderno, a partir da segunda metade do século XIX, como uma "biopolítica", ou seja, um poder constituído por um conjunto de práticas, instituições e saberes que agem sobre os corpos da população, através do controle de nascimentos, óbitos, saúde e morbidade, sexualidade e reprodução, trabalho e previdência (FOUCAULT, 2005, p. 285-286).

No exercício do biopoder, o racismo se tornou, no século XIX, um dispositivo indispensável aos estados modernos, conforme argumenta o pensador francês através de uma mesma pergunta, reiterada em três modulações: "Como [...] é possível, para um poder político, matar, reclamar a morte, pedir a morte, mandar matar, dar a ordem

de matar, expor à morte seus próprios cidadãos?" ou, seguindo o questionamento, "Como esse poder [a biopolítica] que tem essencialmente o objetivo de fazer viver pode deixar morrer?"; e ainda: "Como exercer o poder da morte, como exercer a função da morte, num sistema político centrado no biopoder? (poder sobre a vida)" (FOUCAULT, 2005, p. 304).

O racismo, nessa perspectiva, tornou-se um dispositivo de controle da população fundamental nos estados modernos, por permitir que se estabeleça um corte, uma cesura na população nacional, necessária para que se distingam os que precisam viver e os que podem morrer.

Na consolidação do Estado moderno e republicano brasileiro, entre o final do século XIX e as primeiras décadas do século XX, as novas práticas de controle e regulamentação da população se estruturaram na perspectiva eugênica e racista, que esteve na base da produção de dados estatísticos, de políticas públicas e de legislação social para classificar e hierarquizar os indivíduos enquanto corpos relevantes ou corpos excrescentes para a nação.

A programática eugênica estruturada pela composição étnico-racial da população e pelo investimento das elites governantes brancas para superá-la ou para corrigi-la, pode ser condensada em duas vertentes da biopolítica brasileira no contexto da modernização social e urbana: primeiro, a o controle da vida saudável e produtiva, através de iniciativas em saneamento, educação, saúde etc.; em segundo lugar, e menos considerado e referido nas décadas posteriores pelo pensamento social brasileiro, tiveram grande efetividade e impacto as ações para o branqueamento do que se considerava, do ponto de vista eugênico, a ameaçadora mestiçagem racial.

Entre o final do século XIX e as primeiras décadas do século XX, foi implementada, com sistematicidade e eficácia raras no país, uma política de estímulo e acolhimento de imigração europeia, cujo alvo argumentado e instituído foi o branqueamento da população.

⁷ Curso intitulado "Em defesa da sociedade", ministrado em 1971.

Dados demográficos expõem, com precisão aritmética, o nexos entre os registros de ingresso de africanos ao longo de quase quatro séculos e os números da entrada no país de imigrantes europeus em pouco mais de quatro décadas: o Brasil foi o país que mais importou africanos escravizados no continente americano, totalizando cerca de 4 milhões de homens, mulheres e crianças, o equivalente a mais de um terço de todo comércio negreiro mundial; em 1900, os negros representavam cerca de 60% da população brasileira, em um total de aproximadamente 14 milhões de habitantes; como uma espécie de contrapartida, entre 1884 e 1933 entraram no Brasil cerca de 4 milhões de imigrantes, quase todos eles europeus (portugueses, italianos, alemães e espanhóis) (REIS, 2000, p. 90-91).

O prestígio científico e político do branqueamento ou da "miscigenação positiva", através da ampliação do contingente demográfico de brancos europeus, está documentado, por exemplo, na conferência do médico e antropólogo João Batista Lacerda, representante do Brasil no Primeiro Congresso Universal das Raças, realizado em Londres em 1911, intitulada "Sobre os mestiços no Brasil", na qual o horizonte do branqueamento da população ou do desaparecimento do "elemento negroide" é considerado como um fenômeno controlável e observável, a concluir-se, conforme anunciou, "*em um século*". (LACERDA, 2011, grifo nosso)

A difusão dos postulados e programas da eugenia no país foi rápida e eficaz, ultrapassou a comunidade inicial de médicos e reuniu intelectuais, artistas, políticos e jornalistas que constituíram o consistente e duradouro ideário social de progresso ou modernização através da superação programada da evidência corporal da negritude.

É esse quadro histórico constitutivo da modernização do estado e da sociedade nas primeiras décadas do século XX que o espetáculo *Traga-me a cabeça de Lima Barreto!* evoca, com contundência política e didática e, mais ainda, com consistência biográfica, histórica e textual.

Além das endemias decorrentes da pobreza, da precariedade das moradias e da ausência de saneamento básico ou de assistência à saúde,

que, para Renato Kehl "determinavam a degenerescência rápida do nosso povo", (KEHL, 1920, p. 5), mereceram extrema atenção das políticas públicas o que se designava então como "venenos raciais": as doenças venéreas, a tuberculose, o alcoolismo, a nicotina e outras drogas, a loucura.

O alcoolismo, por exemplo, foi considerado o grande "inimigo da raça brasileira", ou como uma das principais causas da degeneração racial, pelo médico, escritor e higienista Afrânio Peixoto. Segundo ele, os filhos de alcoólatras nasciam "defeituosos" e predispostos, desde a infância, à várias doenças, à loucura, à delinquência e à criminalidade (SOUZA, 2012, p. 9).

Transformado pelo neolamarckismo e pela nova psiquiatria em um dos mais potentes e, conseqüentemente, mais investigados e perseguidos inimigos da saúde racial, o alcoolismo era avassalador entre pobres e negros, em contexto de exclusão, desemprego, fome e miséria.

Na trajetória do jovem Lima Barreto a loucura e o alcoolismo, como se de fato constituíssem tentáculos de uma fatalidade racial, tiveram presença assídua. Em 1890, aos nove anos, o seu pai foi designado almoxarife na Colônia de Alienados da Ilha do Governador e, em 1902, doze anos depois, foi vitimado pela insanidade mental em definitivo, passando a depender cotidianamente dos cuidados do filho. O consumo do álcool também se tornou habitual para Lima Barreto ainda jovem e está registrado no seu diário em 1910, já como fato consumado

Quatro anos depois e poucos meses antes do seu primeiro internamento no Hospício Nacional escreveu:

O maior desalento me invade. Tenho sinistros pensamentos. Ponho-me a beber, paro. Voltam eles e também um tédio de minha vida doméstica, do meu viver cotidiano e bebo. Uma bebedeira puxa outra e lá vem a melancolia. Que círculo vicioso. Despeço-me de um por um dos meus sonhos. Já prescindindo da glória, mas não queria morrer sem uma viagem à Europa, bem sentimental e intelectual, bem vagabunda e saborosa, como a última refeição de um condenado à morte (LIMA BARRETO, 1956, p. 171).

O escritor foi novamente recolhido ao Hospício, em delírio, em dezembro de 1919, onde

permaneceu por dois meses. Sobre os efeitos do "veneno racial" nas postulações eugênicas e, em paralelo, na sua própria vida, escreveu Lima Barreto no *Cemitério dos vivos*:

De mim para mim pensei: se um simples bêbado pode gerar um assassino; um quase-assassino (meu pai) bem é capaz de dar origem a um bandido (eu). Assustava-me e revoltava-me. Seria possível que a ciência tal dissesse? Não era possível. Havia ali, por força, uma ilusão científica, um exagero, senão uma verdadeira imperfeição; e o meu pensamento de menino foi estudá-la, mas bem depressa, depois que a frequência das prédicas positivistas deram-me, por negação, algumas vistas sobre as bases metafísicas das ciências, planejei estudá-las, decompô-las e marcar o grau de exatidão dos seus métodos, a sua conexão com o real, a deformação que ele trazia ao que passava de fato bruto para o dado na teoria científica; havia de aquilatar a colaboração da fatalidade da nossa inteligência nas leis, na contingência delas, as idéias primeiras — todo um programa de alta filosofia, de alta lógica e metafísica eu esboçava nas voltas com o cálculo de "pi" (LIMA BARRETO, 1961, p. 28).

O espetáculo *Traga-me a cabeça de Lima Barreto!* opera contra a confluência de forças distintas, por vezes até antagônicas, que deslocaram a centralidade da perspectiva eugênica no processo de construção do Brasil moderno, forças que produzem a obliteração da base racalista e discriminatória do aparato de regulamentação da população ou a sua *biopolítica*.

Forças que produziram e produzem o esquecimento daquele pano de fundo, dos registros relativos ao congresso dos eugenistas didaticamente projetados na enorme tela, como o cenário da destituição e destruição de um homem pelas políticas públicas e pelo imaginário social prevalente, que elegeram como males a sanear, ou como inimigos da saúde e do corpo social a esterilizar ou a extirpar, a negritude, os corpos híbridos, a pobreza insurreta, a doença mental, o alcoolismo, a vadiagem, a desordem familiar, a inexistência da prole.

Com a iluminada moldura da conferência eugênica e das práticas racialistas da biopolítica que o estigmatizaram, a silhueta negra de Lima Barreto torna-se, no espetáculo, um emblema incandescente da violência que nos constitui, enquanto sociedade hegemonicamente branca e racista; torna-se também menos enigmática e,

principalmente, menos contraditória, a propósito pronunciamentos seus que muitos insistem em considerar radicalidades ressentidas ou idiosincrasias do intelectual contra a modernidade, contra a república, contra a modernização de sua cidade.

Referências

FOUCAULT, Michel. *Em defesa da sociedade*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

KEHL, Renato. *Eugenia e Medicina Social*. São Paulo: Livraria Francisco Alves, 1920.

KERN, Gustavo da Silva. As proposições eugenistas de Roquette-Pinto: uma polêmica acerca do melhoramento racial no Brasil. XXIX SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, CONTRA OS PRECONCEITOS: HISTÓRIA E DEMOCRACIA. Brasília: ANPUH, 2017. Disponível em: https://www.snh2017.anpuh.org/resources/anais/54/1502721644_ARQUIVO_TextoFinalAnpuh2017.pdf

LACERDA, João Batista. Sobre os mestiços no Brasil. *História, Ciências, Saúde*, Manguinhos, Rio de Janeiro, v.18, n.1, p. 234-242, mar. 2011. (Conferência "Sur le métis au Brésil", Premier Congrès Universel des Races: 26-29 juillet 1911, Paris).

LIMA BARRETO, Afonso Henriques de. *O cemitério dos vivos*. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1961.

LIMA BARRETO, Afonso Henriques de. *Os Bruzundangas* (1923). 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1961.

LIMA Barreto, Afonso Henriques de. *Diário Íntimo*. São Paulo: Brasiliense, 1956.

MARTINS, Líliliana Al-Chueyr P. Herbert Spencer e o Neolamarckismo. In: MARTINS, Líliliana Al-Chueyr P. *et alii*. 3º Encontro. Campinas: AFHIC, 2004. p. 281-89.

RAEDERS, Georges. *O inimigo cordial do Brasil: o conde Gobineau no Brasil*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

REIS, João José. Presença Negra: conflitos e encontros. In: *Brasil, 500 anos de povoamento*. Rio de Janeiro: IBGE, 2000.

ROMERO, Sílilvio. *História da Literatura Brasileira*. Fatores da Literatura Brasileira. 2. ed. Rio de Janeiro: H. Garnier, 1902. Tomo 1.

SCHWARCZ, Líliliana Moritz. Previsões são sempre traiçoeiras: João Baptista de Lacerda e seu Brasil branco. *História, Ciências, Saúde - Manguinhos*, Rio de Janeiro, v.18, n.1, p. 225-233, mar. 2011. <https://doi.org/10.1590/S0104-59702011000100013>

SOUZA, Vanderlei Sebastião de. As ideias eugênicas no Brasil: ciência, raça e projeto nacional no entreguerras. *Revista Eletrônica História em Reflexão*, Dourados, v. 6, n. 11, jan./jun. 2012.

SOUZA, Vanderlei Sebastião de. Por uma nação eugênica: higiene, raça e identidade nacional no movimento eugênico brasileiro dos anos 1910 e 1920. *Revista Brasileira de História da Ciência*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, p. 146-166, jul.-dez. 2008.

STEPAN, N. L. Eugenia no Brasil, 1917-1940. *In*: HOCHMAN, G.; ARMUS, D. (org.). *Cuidar, controlar, curar*: ensaios históricos sobre saúde e doença na América Latina e Caribe. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2004.

Eneida Leal Cunha

Doutora em Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), no Rio de Janeiro, RJ, Brasil; professora titular de Literatura Brasileira da Universidade Federal da Bahia (UFBA), BA, Brasil; e professora associada no Departamento de Letras da PUC-Rio, no Rio de Janeiro, RJ, Brasil

Endereço para correspondência

Eneida Leal Cunha
Rua Miguem Lemos, 82, apto. 602
Copacabana, 22071000
Rio de Janeiro, RJ, Brasil